

## TRADUÇÃO<sup>1</sup>:

### [“ATEÍSMO EM ASCENSÃO”? UMA BREVE SOLICITAÇÃO AO PENSAMENTO TEOLÓGICO DE KLAUS MULLER<sup>2</sup>]

Sérgio Aguiar Montalvão<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente texto trata-se de uma tradução do artigo em idioma alemão para o português, intitulado “*Atheismus im Aufwind? – Kleines Plädoyer für eine theologische Aufklärung*” de Klaus Müller, que se divide em 6 partes: 1<sup>a</sup>) Introdutória e busca contextualizar na contemporaneidade como e porque surge o neoteísmo, relacionado ao evento das torres gêmeas; 2<sup>a</sup>) Sobre os Estereótipos Antigos e o Iluminismo Vulgar, a referir-se ao Novo Ateísmo como vulgar e nada inovador; 3<sup>a</sup>) Questiona se este Novo Ateísmo é um ateísmo ou na verdade uma anti-teologia; 4<sup>a</sup>) Tem os autores neoteístas como os “pregadores biológicos do ódio”; 5<sup>a</sup>) Toma as exposições dos autores neoteístas como “Pinturas de Horror”; 6<sup>a</sup>) Última parte, tem o “iluminismo” dos neoteístas como não flexível às perspectivas razoáveis, como seria de fato o iluminismo que é mais questionador do que condenador.

**Palavras-chave:** Novo Ateísmo; Pensamento Teológico; Novo Iluminismo; Clichês Antirreligiosos

**Abstract:** This text is a translation of the article in German language for the Portuguese entitled “*Atheismus im Aufwind? Plädoyer für eine Kleines – theologische Aufklärung*” by Klaus Müller, which is divided into 6 parts: 1st) Introductory and search in contemporary context how and why the new atheism rises, related to the event of the twin towers; 2nd) On Old Stereotypes and the Enlightenment Vulgar, referring to the New Atheism as vulgar and anything innovative; 3th) Questions whether this New Atheism is a atheism or actually a anti-theology; 4th) Has neo-atheists authors as the “biological preachers of hatred”; 5th) Takes the neo-atheists authors statements as “Paintings of Horror”; 6th) Last part, has the neo-atheists “enlightenment” as not flexible to the reasonable prospects as it would be in fact the enlightenment that is more questioning than damning.

**Keywords:** New Atheism; Theological Thought; New Enlightenment; Anti-religious cliches

<sup>1</sup> O texto original é: “*Atheismus im Aufwind? – Kleines Plädoyer für eine theologische Aufklärung*” de Klaus Müller.

<sup>2</sup> Klaus Müller, nascido em 1955 na cidade de Regensburg, na Alemanha. Estudou teologia católica e filosofia em Regensburg, Roma, Munique e Freiburg. Em 1982 tornou-se PhD em Roma. Em 1984, exerceu o sacerdócio e subsequentemente a atividade pastoral em comunidades e em prisões de capelania. Em 1992 tornou-se professor de homilética em Regensburg,. No ano de 1994 recebeu a habilitação em Teologia e Filosofia para lecionar em Freiburg. Desde 1996 é professor universitário e diretor do Seminário para a Filosofia Fundamental da Teologia e da Westfallischen Wilhelms da Univerdidade de Munster. Desde 2001 é consultor da III e da IX Comissões da Conferência de Bispos Alemães.

<sup>3</sup> Mestre em Letras pela USP, doutorando em Ciências da Religião pela PUCSP; [montalvao\\_gripholium@yahoo.com.br](mailto:montalvao_gripholium@yahoo.com.br)

Há muito tempo tem vagado um termo-chave e ao mesmo tempo perseguido pela mídia: “o Novo Ateísmo”. Tal fato deve significar, pelo menos àqueles a quem Deus e a Fé não sejam coisas indiferentes, algo que eles devam escutar com atenção antes de saírem para qualquer lugar. Já faz um bom tempo desde que, houve uma última voz acentuada e crítica do cristianismo que foi ouvida no meio do nosso público: No ano de 1992, o psicólogo de Freiburg, Franz Buggle, tinha lançado a sua polêmica: “pelo motivo deles não saberem nada sobre o que acreditam, ou pelo motivo deles relativamente não poderem ser mais cristãos” (BUGGLE, 1992). Para eles, as páginas de violência apresentadas nos textos do Antigo e no Novo Testamento eram uma pedra de tropeço, e conseqüentemente, uma causa para a rejeição do Cristianismo. Buggle estava indignado com isso, pois em sua opinião foi como os professores e pastores lidaram eufemisticamente e trivialmente com isto. Apenas uma limpeza radical das tradições bíblicas e eclesiásticas, com sua análise de reflexões de ética e de amor contidas nas tradições pode dar uma continuidade legítima da religião em uma sociedade democrática e esclarecida.

A teologia e o público eclesiástico desta vez dificilmente tomaram nota de tal incursão, como no exemplo ao longo das linhas de Karl Valentins: nós nem mesmo podemos ignorá-los. Mais tarde, diferenças sutis tais como aquelas que surgiram nos debates críticos de religião, e com as provocações do egiptólogo Jan Assmann no final dos anos 90, não foram nem sequer de fato seguidas e acatadas pela teologia interna. Já faz muito tempo que a consciência se espalhou, na qual virou uma maré expansiva em favor da religião – apesar das igrejas passarem freqüentemente pelo Renascimento e pela Vitalidade primordial. E Igreja Católica não apenas tem produzido o político internacional João Paulo II, como em seguida a fortiori, ou seja, com muito mais razão, o intelectual mundial Bento XVI. (Resulta em) uma nova atenção (que deve ser dada), que de fato os fazem se sentir valorizados, desde os anos 70 na época do Papa Paulo VI, mas será que os católicos nunca tinham sonhado com isso? Certamente isto está relacionado com o 11 de Setembro de 2001, a destruição das Torres Gêmeas de Nova York, uma vez que aguçou e impressionou o centro de todos os sentidos, porém a religião já tinha começado muito antes de tal fato, a ser considerado um imenso problema global. E hoje está a um grau, no qual durante os últimos 200 anos a cultura das regiões da Europa Ocidental cujo secularismo prevaleceu a mais tempo está cercada em uma ilha em um mar de Orações, Rituais e Santuários emergentes.

## **Estereótipos Antigos e Iluminismo Vulgar**

Porém, recentemente, há também outra coisa. Será que agora vem o pêndulo no sentido contrário? Ocorreu que no final do verão de 2007, por meio dos seus anúncios, foram dados os primeiros sinais os quais desencadearam em seguida, quase como uma onda na consciência do público: já por muito tempo é uma concentração sem precedentes decididamente não apenas às Igrejas, mas crítica a Deus, se não forem publicações de um ateu vulgar. O navio de guerra o qual eles embarcaram e viajaram, foi oferecido “em” e “de” muitas maneiras na imprensa. Rádio e Televisão deram a conhecer, o que era anunciado na verdade, com raiva, a polêmica de Richard Dawkins, “Deus, um delírio” (DAWKINS, 2007). De forma desenfreada, o autor conduz a uma polêmica que não perde nem os seus clichês e nem os seus objetivos aparentes, com o intuito de provocar um público religioso com a sua tese, a qual tem como origem e realidade a crença na qual toda a existência será, na verdade uma fantasia não esclarecida. Para verificar melhor a intenção de Dawkins, será feito um breve “flashback” histórico sobre o papel inovador do ateísmo no pensamento ocidental que de uma forma geral é útil.

### **Ateísmo ou Antiteologia?**

Descobertas de alguma forma consideradas comuns: historicamente, não havia de maneira explícita antes do século XVII uma posição ateísta elaborada no sentido de contestação sobre a existência de um Deus (SCHRODER, 1998, p 45). A possibilidade teórica, no entanto, pode ser encontrada na obra de Platão “Nomoi X” desenvolvida em detalhes, mas nesta obra também é submetida a uma refutação (SCHRODER, 1998, pp 53-55). E desta forma, pode-se dizer que o ateísmo possui 2100 anos de idade, e foi considerado no século XVIII como base do pensamento científico e reacionário, porque o tal tinha a obrigação de se basear no pressuposto das forças obscuras do pensamento mágico em face dos conhecimentos científicos, bem como do teísmo com o seu pensamento e interpretação da criação e da maravilha das estruturas das coisas naturais diante da “bola de neve” das crescentes descobertas do campo da biologia (SCHRODER, 1998, pp 77-86).

O primeiro ateísmo argumentativo realmente e de fato desdobrado remonta a Ludwig Feuerbach – que de forma ocasional possa tratar de fato uma espécie de ateísmo e não uma forma especial de antiteologia. Feuerbach não queria nada demasiadamente declarado, como o núcleo brilhante da mensagem cristã, ou seja, o Amor, o qual ele adequadamente traz à tona (MULLER, 2006, pp 258-263). E globalmente para a nossa presença direta é bastante significativo, o que recentemente o filósofo ganês Kwame A. Appiah trás um relato do seu pai em uma pequena nota de rodapé de seu livro: neste caso, um educado jurista e político havia sido convencido de algo que ninguém em Gana poderia ser tão estúpido, para não acreditar em Deus. Mas mesmo assim, se você tomar isto com ponderação, provavelmente poderia ser que “os ateus de Gana deveriam realizar as suas reuniões em uma cabine telefônica” (APPIAH, 2007, p 54). No limiar, você terá que dizer: o histórico atual é de ateísmo a exceção – somente se os modernos europeus ocidentais apresentarem uma perspectiva de baixo para cima, abaixo do seu ponto de vista, e apresentarem-se de uma forma diferente.

Com isto necessariamente em mente você deve ver e observar, principalmente aquilo que vem recentemente da região anglo-saxônica para a Europa. Houve a proposta de se fazer um relevante jornalismo de grosso calibre, além do livro já mencionado de Dawkins, com as obras: “Quebrando o Feitiço” (DENNETT, 2008) de Daniel C. Dennet, e “Deus não é grande” (HITCHENS, 2007) de Christopher Hitchens. Já anteriormente, Sam Harris havia publicado “O Fim da Fé” (HARRIS, 2007). O redemoinho da mídia, cujos escritos têm desencadeado, acima de tudo, aquilo que era bastante comparável ao ocorrido anteriormente na Alemanha, França e Itália – a não ser que tais publicações nem sequer de longe poderiam chamar a atenção, foram capazes de superar as suas equivalências anglo-saxãs. O problema de lidar com a maioria destas publicações é o nível: apenas as celebridades vão fazer uso tão descarado de um estereótipo ou clichê antigo de um iluminismo vulgar, pois não vale a pena um confronto com eles, mas sim, basicamente, isto não é possível devido à falta de massa intelectual, um diagnóstico, caso contrário completamente insuspeito, porque a teologia remota compartilha com o observador que está relacionado.

### **“Os Pregadores Biológicos do Ódio”**

O que falaram os grandes jornais sobre o “fundamentalismo secular”<sup>4</sup>, Dawkins denominou de “O(s) Pregador(es) Biológico(s) do Ódio”<sup>5</sup>, “O Espelho” viu uma “Cruzada dos Ímpios”<sup>6</sup> em andamento. Provavelmente muitos destes escritos poderiam se tornar *best-sellers* quase que exclusivamente nos Estados Unidos da América, porque eles são percebidos como uma voz libertadora no meio do silêncio de um grupo estadunidense político dominante praticamente banido de “infiéis” (não-crentes), pois após o cruzamento dos resultados da Sociologia da Religião realizados, um quinto da população é muito maior do que os números oficiais sugeridos pela pesquisa. A agressividade da maioria destes discursos não explica nada além do que uma reação contra os anos de produção de teologia política por parte da Casa Branca e a sua utilização estratégica na política interna e externa.

Os escritos de Dawkins e Dennett são consumidos devido à proeminência de seus autores, pois o seu trabalho tem sido cultivado e tem crescido ao longo das últimas décadas através de suas realizações científicas, Dawkins na biologia, e Dennet na teoria filosófica da consciência. Ambos os livros têm superficialmente a ver com a ancoragem de seus autores, são manifestos evangelistas do ateísmo, nos quais não se faz uma crítica ao teísmo e à crença em Deus, mas sim relacionada ao respeito social com o intuito de suspender e proibir as crenças religiosas para levá-las ao ostracismo (GARY, 2006). Caso você queira fazer prosélitos, sobre a forma de ateísmo através de um imperativo moral, ao fazer uso de todos os meios para evitar a propagação dos comandos de falsa fé, e são a melhor maneira de um pregador fundamentalista livre de dúvidas particulares e pessoais com o objetivo de se dedicar apenas e somente para a fé verdadeira (ou seja, a sua própria). Dawkins apresenta a versão mais radical e pesada (EAGLETON, 2006) e tenta destruir toda a religião através da instrumentação da linguagem biológica, uma vez que a religião significa para ele como se fosse uma espécie de ferramenta de sobrevivência que surgiu para promover e reforçar a confiança nos padrões dos outros “experts”. Mas com o progresso da evolução através dos tempos, a religião caiu para um subproduto irrelevante: eles não se desencantaram como a tal, e em seguida eles por assim dizer ficaram presos emocionalmente e propensos a criar a sua própria credulidade, e é tal fator que será explorado pelos líderes religiosos (DAWKINS, 2007, pp 239-249). Obviamente Dawkins não percebe que através de suas

---

<sup>4</sup> *Frankfurter Allgemeine Zeitung* de 22.12.2006. 33.

<sup>5</sup> *Süddeutsche Zeitung* de 11.09.2007. 16.

<sup>6</sup> *Der Spiegel* (22/2007).

“placas de reducionismo” possui uma estreita relação de ódio com os seus inimigos, os criacionistas. Dawkins recebeu e como os criacionistas (apesar de tê-lo feito de forma invertida) admitiu a diferença entre o conhecimento e a crença, ao inflar as suas comparações biológicas a uma religião anti-teísta.

Dennett leva ao oposto a sua campanha por meio da incorporação em longa narrativa, uma através da aparência e do pensamento experimental em longas distâncias e a outra em sua nitidez usual (embora elogios envenenados não falem) (DENNETT, 2008, pp 363-365). Percebeu-se que a abordagem de Dennett se assemelha surpreendentemente à abordagem daqueles os quais, no período anterior ao iluminismo pré-socrático eram denominados “Theologoi”: Ele já conta com uma grande parte já confeccionada a partir da hipótese (DENNETT, 2008, p 376) da Teologia (como surgimento da ideia de Deus) no vocabulário da biologia evolutiva (DENNETT, 2008, p 168) , é por esse motivo que ele deixou consistentemente apenas seis páginas (muito finas) para a questão da existência de Deus (DENNETT, 2008, pp 295-302). O direito de ter as ambições iluministas, cujo final se encontra nas obras de Dawkins e Dennett (DAWKINS, 2007, pp 479-521; DENNETT, 2008, pp 406-412), o qual não é digno de credibilidade em ambos os casos porém leva a discussão intelectual ainda a um passo adiante.

### **Pinturas de Horror**

Caso tenha sido desejado dar aos autores mencionados um toque de ambição filosófica, então provavelmente Sam Harris, desde a publicação de seu livro “O Fim da Fé” tem atentado pelo menos a uma conexão ou relação entre existência humana e conhecimento religioso (HARRIS, 2007, pp 213-231), porém ele se vincula a uma crítica radical a Deus juntamente a um voto para a sabedoria do Extremo Oriente. E para este misticismo do Extremo Oriente em contraste, a religião representa um empreendimento ou empresa racional (HARRIS, 2007, p 231). Caso contrário, a obra e até mesmo o manifesto de Harris intitulado “Carta a uma Nação Cristã” (HARRIS, 2008) se limita à reprodução de uma infinidade de clichês antirreligiosos e anti-teológicos em um único tom, às vezes perde a cada medida devido às pinturas de horror apocalípticas. Uma mistura similar de fé vulgar e cientificismo ingênuo é apresentada por Michael Schimidt-Salomon, que por si só realizou a última palestra de um insípido

livro infantil (SCHIMIDT-SALOMON, 2007), aquela que está em seu imaginário para a representação do funcionário judeu, cristão e muçulmano ao aproximar-se do repertório e do estilo dos ofensores e agressores nazistas.

É formulada nestes documentos a teoria da condenação, que simplesmente ocorre de maneira fundamentalista. Sem dúvida representa algo relacionado ao que Harris afirmou: “As portas que levam para longe de uma interpretação literal, não podem ser abertas a partir do lado de dentro” (HARRIS, 2007, p 15). Mas já o primeiro mestre-intérprete da Bíblia e sistematizador da tradição cristã, Orígenes, ocupado com a teoria e múltipla prática do sentido das Escrituras trás explicitamente o ponto de algo que está exatamente ao contrário, quando ele ironicamente pergunta ao apontar para o Gênesis, se alguém realmente poderia ser tão ingênuo e simplório ao ponto de acreditar que Deus poderia ser imaginado ou sugerido como um agricultor ou fazendeiro que criou um jardim para ter plantado o senso perceptível ou notável denominado “árvore da vida”<sup>7</sup>.

Ou então – para assumir uma tese distinta, Harris afirma: “A intolerância vive (...) em qualquer fé.” (HARRIS, 2007, p 9). Essa é a maneira a qual os representantes da filosofia e da história da Igreja poderiam ajuntar um conjunto de centenas de documentos para comprovar a falsidade desta tese mais agora do que nunca: Mas isso não muda a popularidade de tais estereótipos ou clichês de Harris e Companhia Limitada. E ainda com eles, o islã e o islamismo são mais ou menos idênticos (HARRIS, 2007, pp 109-156), é a religião per si irracional (p 9), basicamente um obstáculo para a pesquisa (p 43) e reacionária (p 170), e a teologia é “a ignorância com asas” (p 178).

Quem se importa que a ideia europeia da universidade tem as suas raízes na dialética, na escolástica e nas escolas das catedrais cristãs, especialmente a lógica medieval no meio da teologia da eucaristia encontrou-se através da sua própria excelência e é fato válido e historicamente comprovado, mas será que só foi a tradição ocidental que trouxe a aplicação do princípio da intelectualidade? (BORGOLTE, 2006, pp 573-584)

A obra de Christopher Hitchens “Deus não é Grande” possui algo parecido com a versão das “grandes telas de cinema” de Hollywood deste programa. Se a religião

---

<sup>7</sup> Ver ORIGENES: De principiis. IV 3,1. (Zit. Nach *ORIGENES: Vier Bücher von den Prinzipien*. Hg., übers., mit kritischen u. erl. Anm. vers. v. Herwig Görgemanns u. Heinrich Karpp. 3., gegenüber der 2. unveränd. Aufl. Darmstadt 1992).

envenena o mundo, como afirma o subtítulo, podem ser figuras religiosas excepcionais ou apenas humanistas “nebulosos” (como D.Bonhoeffer (HITCHENS, 2007, p 7)) ou mesmo estrategistas carismáticos (como Martin Luther King (HITCHENS, 2007, pp. 173-180)), os seus respectivos potenciais religiosos na verdade a caminhar para destinos e objetivos completamente diferentes, usados apenas nas lutas contra a segregação. O veredicto acima de tudo religioso, ao comparar o abuso de crianças à forma de educação religiosa (HITCHENS, 2007, pp. 263-276), encontra claramente no seu mais excelente, pois existem evidências empíricas sobre os escândalos de pedofilia dentro do catolicismo estadunidense no século XX. Agências da razão e da fé, segundo Hitchens, são basicamente impossíveis – e mesmo nos lugares nos quais se tem tentado – são simplesmente ridículas (pp. 305-330). O que é contrário à cultura de todo o conhecimento ocidental, para Hitchens não importa: “As reivindicações metafísicas da religião são falsas” (pp. 83-93) – ponto.

### **Novo iluminismo necessário?**

Hitchens possui uma vantagem através da estratégia de intensificação: ele trás em seu toque final ao ponto, o qual é atualmente a próxima batalha com o novo ateísmo que deverá filosoficamente e teologicamente levar em consideração: Hitchens conclui o seu discurso como “Conclusão: A Necessidade de um Novo Iluminismo” (HITCHENS, 2007, pp 331-338). O tal pode levá-lo – com certeza, mesmo sem saber – uma vez que os movimentos finais da escrita autobiográfica intitulada “Viagem do destino” de Alfred Döblin., (DOBLIN., 1949) do ano de 1949. Neste livro, Döblin relata a sua conversão ao catolicismo, percebida pelos seus colegas como Bert Brecht similar a um escândalo, a qual se torna a sua condenação após o acesso a um “(...) Novo Iluminismo Melhor (...)”(DOBLIN, 1996, p 365). Se a religião cristã realmente se tornou um iluminismo, como o então Cardeal Ratzinger (resulta em) escreveu logo após o último milênio com argumentos válidos e convincentes do começo ao fim sobre a autocompreensão teológica cristã (BENEDIKT XVI., 2007, p 29), então é óbvio, que qualquer disputa futura sobre Deus é viver como uma disputa sobre a forma de qual é o verdadeiro Iluminismo.

Este critério é que o tal – como voz para ser uma disputa sobre o Iluminismo – não atende com segurança, porém este é o primeiro mais seguro, pois na verdade é o



que se pode dizer sobre os sermões ateus “capuchinhos” mencionados anteriormente. Ainda assim eles colocam a fé e a teologia em uma única fígada. Porque é necessário questionar, tanto quanto os crentes deveriam realmente investir intelectualmente em sua fé, da qual eles ainda estão fortemente convencidos, que ela tem um significado fundamental para as suas vidas. Nenhum homem jamais sonhou, em termos de saúde, em uma formação ou educação dos filhos em um lugar fixo, no qual um dia eventualmente a própria escola teria trazido, e não para fazer uso daquilo, que na verdade aprofunda a compreensão e o conhecimento e direciona as ações de entendimento. Porque isso é só o iluminismo: livre e liberto das exigências externas, amadurecida em liberdade para viver uma vida consciente! O que em matéria de fé não será diferente.

## Referências

APPIAH, K. A. *Der Kosmopolit. Philosophie des Weltbürgertums*. C.H.Beck Verlag München, 2007.

BENEDIKT XVI. *Gott und die Vernunft. Aufruf zum Dialog der Kulturen*. Sankt-Ulrich-Verlag. Augsburg, 2007.

BORGOLTE, M. *Juden, Christen, Muselmanen. Die Erben der Antike und der Aufstieg des Abendlandes 300 bis 1400 n. Chr.* Siedler Verlag. München, 2006.

BUGGLE, F. *Denn sie wissen nicht, was sie glauben. Oder warum man redlichweise nicht mehr Christ sein-kann. Eine Streitschrift*. Alibri Verlag. Reinbek b. Hamburg, 1992.

DAWKINS, R. *Der Gotteswahn*. Aus dem Englischen von Sebastian Vogel. Ullstein Verlag. Berlin, 2007.

DENNETT, D. C. *Den Bann brechen. Religion als natürliches Phänomen*. Verlag der Weltreligionen. Frankfurt a.M. 2008.

*Der Spiegel* <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-51714183.html> (22/2007).

DÖBLIN, A. *Schicksalsreise. Bericht und Bekenntnis*. Verlag Josef Knecht – Carolusdruckerei. Frankfurt a.M. 1949.

\_\_\_\_\_ : *Schicksalsreise. Bericht und Bekenntnis*. Deutscher Taschenbuch Verlag. München 1996.

EAGLETON, T. *Luning, Flailing, Mispunching. Rez. v. Dawkins: The God Delusion.* In: London Review of Books 28 No. 20, <http://www.lrb.co.uk/v28/n20/terry-eagleton/luning-flailing-mispunching> 19-10-2006.

*Frankfurter Allgemeine Zeitung* <http://www.faz.net/artikel-chronik/nachrichten-2006-dezember-22/> de 22.12.2006.

GARY, W. *The Church of the Non-Believers.* In: Wired <http://www.wired.com/11/2006>.

HARRIS, S. *Brief an ein christliches Land. Eine Abrechnung mit dem religiösen Fundamentalismus.* Aus dem amerikanischen Englisch übertragen von Yvonne Badal. C. Bertelsmann-Verlag. München 2008.

\_\_\_\_\_. *Das Ende des Glaubens. Religion, Terror und das Licht der Vernunft.* Verlag: Edition Spuren. Winterthur 2007.

HITCHENS, C. *Der Herr ist kein Hirte. Wie Religion die Welt vergiftet.* Karl Blessing Verlag. München 2007.

MÜLLER, K. *Glauben – Fragen – Denken. Basisthemen in der Begegnung von Philosophie und Theologie.* Aschendorff Verlag. Bd. 1 Münster 2006.

ORIGENES. *De principiis.* IV 3,1. (Zit. Nach *ORIGENES: Vier Bücher von den Prinzipien.* Hg., übers., mit kritischen u. erl. Anm. vers. v. Herwig Görgemanns u. Heinrich Karpp. 3., gegenüber der 2. unveränd. Aufl. Wiss. Buchges. Verlag Darmstadt 1992).

SCHMIDT-SALOMON, M. – NYNCKE, H. *Wo bitte geht's zu Gott? Fragt das kleine Ferkel. Ein Buch für alle, die sich nichts vormachen lassen.* Alibri Verlag Aschaffenburg 2007.

SCHRÖDER, W. *Ursprünge des Atheismus. Untersuchungen zur Metaphysik und Religionskritik des 17. und 18. Jahrhunderts. Quaestiones: Themen und Gestalten der Philosophie 11. 45.* Stuttgart – Bad Cannstatt 1998

*Süddeutsche Zeitung* <http://www.sueddeutsche.de/panorama/bildstrecke-momentaufnahme-1.679280-52> de 11.09.2007.